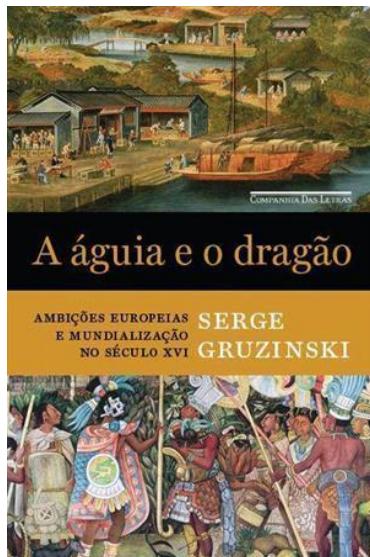




**Perspectivas de um eurocentrismo
sob as asas da águia e a sombra do dragão**

Danilo Vasques¹



Resumo

Procuramos esboçar nesta resenha uma abordagem crítica sobre o livro “A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI”, de Serge Gruzinski, considerando brevemente o debate historiográfico em que, indiretamente, a obra se situa. Nosso objetivo recai sobre a perspectiva de apresentar alguns elementos que permitam ao leitor um contato seminal com o trabalho estabelecido pelo historiador e paleontólogo francês, valorizando alguns aspectos que julgamos elementares para a compreensão global presente no escrito. Nesse sentido, não nos furtamos a observar as nuances levantadas por Gruzinski em busca de um entendimento particular dos passos iniciais da chegada do europeu ao México-Tenochtitlán e à China imperial, às vésperas da conquista da América.

Palavras-chaves: México-Tenochtitlán; China imperial; Império Asteca; conquista da América; consciência-mundo

¹ Danilo Vasques é jornalista profissional formado na Universidade Cruzeiro do Sul (2004), especializado em Jornalismo Cultural pela Universidade Metodista de São Paulo (2007). Atualmente cursa sua segunda graduação, em História, na Universidade de São Paulo (2015). Além das atuações na imprensa escrita, televisiva e on-line, nos últimos dez anos tem inclinado a sua carreira a um diálogo com o universo escolar: corrige redações em uma instituição de ensino e ministra algumas oficinas de texto a alunos do Ensino Médio.



Abstract:

We try to sketch in this article a critical approach about the book "The Eagle and the Dragon: European ambitions and globalization in the sixteenth century", by Serge Gruzinski, considering briefly the historiographical debate in which, indirectly, the work is located. We will try to show some elements that let the reader get a first contact with ideas by the french historian and paleontologist, valuing some aspects that we consider important to the overall understanding the book. So, we will observing the aspects raised by Gruzinski in his job to comprehension about the initial steps of the european in front to Mexico-Tenochtitlan and imperial China in the conquest of America.

Keywords: Mexico-Tenochtitlan; Imperial China; Aztec Empire; conquest of America; conscience-world (or world-conscience)

O livro "A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI"¹, de Serge Gruzinski², estabelece uma relação de proximidade entre o contato do europeu com o México-Tenochtitlán asteca e a antiga China imperial, sublinhando-se que a conjugação ibérica com ambos os países, a partir da interação do espanhol personalizado na figura do "aventureiro" Hernán Cortés com os mexicanos em 1519 e a presença de uma embaixada lusitana em Nanjing, no oriente, a partir de 1520, não se configurou como atos plenamente articulados, tampouco, desconexados no início do século XVI. O autor aponta que "embora os desembarques dos ibéricos nos litorais mexicano e chinês não constituam uma operação combinada, a coincidência entre eles não é simples efeito do acaso". Desse modo, Gruzinski se propõe a avançar além de um rarefeito "paralelismo", propondo a aproximação teórica de tais agentes históricos. O processo por ele empregado é coerente, mas não infalível, já que suscita algumas nuances a serem desmembradas criticamente. Vamos à obra.

Na perspectiva do autor, o contato dos europeus com variadas regiões intercontinentais permite a sugestão de que já nos primórdios da expansão

¹ GRUZINSKI, S. **A águia e o dragão: ambições e mundialização no século XVI.** Tradução: Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 407 p.

² Historiador e paleógrafo, nasceu em 5 de novembro de 1949, na cidade de Tourcoing, França. É autor de múltiplos estudos sobre o México colonial e, nos últimos anos, tem se debruçado sobre a relação entre Portugal e o Brasil colonial. É diretor do Centro Nacional de Investigação Científica e diretor na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, ambas em Paris.



ultramarina europeia germinava a noção de uma dinâmica irreversível que pode ser balizada como os pressupostos de uma unificação global, a qual, para Gruzinski, anacronicamente, tendia a ser datada do final do século XX. Para tanto, ressalta que as duas “novas potências” europeias à época, Castela e Portugal, avançariam mar adentro redundando no contato com “mundos sobre os quais elas ignoravam”. Observando sua fala sob um subtítulo que não deixa de empregar uma ironia, “A decifração das sociedades”¹, o autor afirma que:

A China dos portugueses e o México dos castelhanos não fazem senão acrescentar espaços suplementares ao ecumeno que os europeus conhecem. Cada um ao seu lado, mas simultaneamente, essas zonas veem os primeiros balbucios de uma sincronia planetária que articula uma após a outra as diferentes partes do globo.

Ainda que esse recorte projete diretamente a figura do continente europeu como protagonista do processo de “mundialização” (um termo caro ao autor), de uma “globalização” – que, em suas palavras, não seria nem a última e nem a primeira – articulada sob as viagens ultramarinas das embarcações europeias, Gruzinski insiste em ressalvar que a perspectiva eurocentrista não seria plenamente assertiva a conjugar o processo de unificação do planeta. Contudo, ressalta que essa perspectiva é “bem difícil de se desfazer”.

Destarte, apregoa outros sujeitos históricos para dinamizar a noção de um cenário global desde o princípio da expansão europeia, situando-se as populações africanas, asiáticas e ameríndias também como fundantes dessa perspectiva. Não obstante, elenca os portugueses, os espanhóis e os italianos como fornecedores do “essencial da energia religiosa, comercial e imperialista” nesse cenário primário de articulação global. Reforça, entretanto, que a “globalização não tem autor” e que, ao cabo, “o nosso tempo atual é devedor dessa época longínqua”.

Por ora, acerca dessa perspectiva eurocentrista, permitimo-nos abrir brevíssimos parênteses antes de enveredarmos a nossa argumentação: em alguns momentos, o autor emprega a terceira pessoa do plural em sua fala, ao menos na tradução ao português (originalmente, o livro é escrito em francês). Nas linhas seminais da obra, tal estratégia aparece explicitamente quando Gruzinski menciona que “escritores da primeira metade do século XX percorreram os caminhos que nos levaram do México à China” (grifo nosso). Em uma análise particularizada, pode-se intuir que a perspectiva de inserção do autor ao coletivo é um recurso considerado expressivo em um texto argumentativo – por sinal, não nos furtemos a sublinhar os

¹ Cf. capítulo 10. Opacidade ou transparência?



méritos de sua escrita, que, com generosidade, avança extramuros acadêmicos. No caso, o recurso nos permite associar diretamente o sujeito do verbo como um representante de uma perspectiva europeia, contexto em que o autor se insere. Essa associação primária nos incentiva a lembrar que Gruzinski, mais do que analisar o protagonismo dos impérios mexicanos e chineses na ocasião dos princípios da reconfiguração global a partir do início do século XVI, volta-se a uma tentativa de compreender a articulação do sujeito europeu como protagonista desse processo. Se há crítica ao eurocentrismo, paradoxalmente, não se nega de modo contumaz a manutenção deste como sujeito histórico de destaque na dinâmica mundial, cujos ecos ainda repercutem em nossa contemporaneidade. Fechamos os parênteses.

O autor, de início, lança mão aos processos que levaram às diferenças das consequências observadas a partir do contato do europeu com os mexicanos astecas e os antigos chineses imperiais. A reflexão inicia-se a partir de um lugar-comum: no século XVI, os ibéricos obtiveram êxito na América e falharam na China. Obviamente, o livro não esgota a questão, porém, conjectura paralelos entre as dinâmicas preexistentes entre os dois sujeitos históricos elencados antes do contato com o europeu.

Gruzinski aponta que o México asteca e a antiga China Imperial não seriam impérios comparáveis – entretanto, envereda por breves comparações ao correr das páginas. O autor se propõe a destacar que a longínqua administração chinesa guardava séculos, configurando-se como um império fortemente estruturado em relações burocráticas, jurídicas e militares – o Exército, segundo o autor recorda, exercia “um papel secundário”. A estruturação de rotas marítimas e terrestres de comércio inseriam a China em uma articulação econômica consistente com outros agentes históricos. Por outro lado, Gruzinski pontua que no México talvez nem se pudesse avistar, de fato, um império. O desenvolvimento observado no império chinês não se aplicava aos mexicanos-astecas, ou mexicas, se preferirmos, carentes de uma estrutura burocrática e administrativa, desprovidos de estradas ou canais e sem força militar consistente para além das suas relações locais (o Império Asteca, insistimos na palavra, com menos de um século de existência antes do contato com o europeu, segundo sua leitura, articulava-se com disputas entre grupos próximos). Os mexicanos não estariam “preparados” para o contato com o europeu, segundo o recorte do livro, o qual, lembremos, menciona que não há documentação histórica



que permita uma ampla compreensão sobre os pressupostos do cenário mexicano pré-expansão europeia¹.

Se no México-Tenochtitlán o contato com os espanhóis configura uma relação inédita, a qual não se resume a um encontro apenas mas a um amplo processo de “conquista” e reconfiguração local, na China do Império do Meio a presença lusitana não acalanta surpresas mensuráveis. Os chineses possuíam conhecimento a respeito de civilizações da Eurásia e tinham visão das embarcações que circundavam os seus limites marítimos. O europeu não era um ser desconhecido ao império chinês. O autor pontua que:

Na China, o inimigo a abater é a emanção de uma máquina burocrática sem equivalente na Europa ocidental: os mandarins. No México, trata-se, mais classicamente, de uma coalização de Estados, recém-dominada pelos mexicas. Porém, é inegável que, tanto na China quanto no México, os ibéricos pretendem de fato aproveitar-se do medo que o poder inspira.²

Gruzinski nos recorta que “portugueses e espanhóis encarnaram o desconhecido e o mistério, tanto para os chineses quanto para os mexicanos”. Aponta, com base em estudo das cartas de Cortés, que do lado mexicano, “os espanhóis poderiam ser os descendentes de um príncipe exilado que veio recuperar seu bem”. Já no contraponto chinês, “tradições cuja origem é ignorada alertam contra uma invasão anunciada que destruiria o país”.

Essa reconstituição subjetiva, a qual nos permite compreender o impacto primário da relação do europeu com os agentes históricos dos lados mexica e chinês, não nos priva de avançarmos em relação à análise pretendida pelo autor. Gruzinski menciona que as reações chinesas, de “rejeição e extirpação” determinarão ações europeias posteriores. Em sua fala:

Elas obrigarão os portugueses a elaborar um modo mais indireto de abordar a China, estabelecendo outro tipo de contato, de composição com numerosos parceiros asiáticos (...). Enquanto isso os índios do México, vencidos, colonizados e cristianizados, aprenderão a ser os sobreviventes de uma civilização desaparecida.³

Ora, em uma lida teórica, podemos intuir que essa rearticulação lusitana e o domínio ibérico sobre a América acenam, séculos antes, à perspectiva trabalhada

¹ Para o autor, é a perda de fontes indígenas e a reescrita indígena e colonial que mantêm a impressão de que a invasão espanhola teria tomado completamente de surpresa as sociedades locais: estas teriam desmoronado sob o duplo golpe do imprevisto e do imprevisível. O suficiente, claro, para explicar melhor a inexplicável derrota e minorar os equívocos diante dos conquistadores. (Cf. Capítulo 8. O Nome dos outros, p. 168)

² Cf. Capítulo 12. A hora do crime, p. 239.

³ Cf. Capítulo 13. O lugar dos brancos.



por Pomeranz como “A grande divergência”. Esse processo consiste, em linhas (muito) gerais, na reestruturação global a partir de meados do século XIX em que a perspectiva eurocentrista passa a figurar como dominante nas relações econômicas mundiais.¹ A imagem leva a crer que as colonizações americana e caribenha (entre outros fatores, articuladas sob a prerrogativa da abundante extração mineral e a conjugação da escravidão ligada à produção para exportação) associadas às múltiplas relações comerciais empregadas pela Europa ocidental, rearticulada após as chamadas revoluções burguesas, a revolução Francesa e a consequentes revoluções industriais teriam, por decorrência, estimulado a superação europeia sobre a China às vésperas do séculos XX.

“A grande divergência” não é diretamente elencada por Gruzinski. Entretanto, é possível supor o diálogo com Pomeranz nos finalmente do livro. Na ocasião, o autor arremata que, diante de um “Oriente antigo (...) e decadente”, o Ocidente – conjugado sob a perspectiva eurocentrista – se “afirmará progressivamente como o motor da civilização moderna e o berço da modernidade”. Em suas considerações finais, Gruzinski afirma que:

a ideia de Europa (...) se formou à medida que o Novo Mundo emergia, e compreenderemos melhor por que os destinos dessas duas partes do globo são indissociáveis: se as Américas foram moldadas pela Europa, esta, por sua vez, desde o Renascimento, enriqueceu, construiu-se e reproduziu-se projetando-se do outro lado do Atlântico, mediante os vínculos que estabeleceu com as diferentes partes do novo continente. (...) Outras tantas razões, portanto, para covencer-se de que a mudança de rumo genialmente operada por Colombo pesará bem mais do que as ilhas e os litorais que ele descobriu. Mas também de que foi a resistência da China que delimitou os contornos do Ocidente.²

Gruzinski, ao articular o cenário do México-Tenochtitlán e da antiga China Imperial como elementos que, alvos dos ibéricos, redundaram no desenvolvimento do projeto europeu, insiste em uma lógica econômica de expansão da Europa, figura principal dessa articulação. Se para o autor, essa correlação pressupõe uma ótica de consciência global, ou, em sua definição, consciência-mundo, é fundamental sublinhar que a figura do europeu encabeçaria tal dinâmica. A noção de consciência-mundo, substantivo composto, aparece em dado momento da obra³, associada às aspirações de Cortés frente às conquistas europeias. Analisando novamente as

¹ Para avançar sobre o tema, cf. MAH, Luís. Repensar as origens da emergência económica da Europa moderna. **Relações internacionais**. 44, p. 111-116, 2014. Disponível em: <http://www.ipri.pt/publicacoes/revista_ri/pdf/RI44_Rec09_LM.pdf> (acessado em 21.6.2015)

² Cf. Conclusão. Rumo a uma história global do Renascimento, p. 354-355.

³ Cf. Capítulo 15. Os segredos do mar do Sul, p. 296.



cartas do oficial espanhol, Gruzinski menciona que o personagem histórico “viu-se então como o artífice de um império universal e providencial”. O autor nos recorda que entre o oceano Pacífico, a Nova Espanha e a Europa imperial “estende-se um novo espaço superdimensionado que se impõe nas mentes antes de traduzir-se nas instituições – sinal de uma globalização que doravante incita a pensar não somente as circulações, mas também o poder na escala do globo”.

Com essa leitura, Gruzinski se aproxima, de certo modo, da concepção de sistema mundial ou economia-mundo (igualmente um substantivo composto) sugerido por Wallerstein¹. Nessa concepção, projeta-se uma correlação entre localidades distantes fisicamente mas com ligações econômicas fundamentadas em uma circulação que pressupõe uma autonomia entre os agentes dessa equação, ao mesmo tempo em que se observa uma retroalimentação do sistema econômico, o que sugere a articulação de grandes núcleos econômicos em uma ordem de cunho universal. Ora, a perspectiva de consciência-mundo sugerida por Gruzinski, a qual não se limita à relação econômica, dialoga, tal qual ocorre com Pomeranz, de modo implícito, com a noção suscitada por Wallerstein.

Por fim, observamos que o livro de Gruzinski se arrisca a conjugar uma relação de aproximação entre o europeu e os impérios presentes no México-Tenochtitlán e na China a partir do século XVI. Com perspicácia, remonta a articulação desses agentes históricos sob a concepção de uma lógica que reverberaria na projeção europeia frente a um mundo cada vez mais globalizado. O eurocentrismo desse processo é questionado pelo autor, contudo, não rejeitado de modo plenamente assertivo.

¹ Reflexões a respeito dessa ideia podem ser observadas nas seguintes referências: STERN, J. Steve. Feudalismo, capitalismo y el sistema mundial en la perspectiva de América Latina y el Caribe. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 49, nº 3, p. 3-58, 1987. WALLERSTEIN, Immanuel; DONÍS, Marta. Comentarios sobre las pruebas críticas de Stern. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 51, nº 3, p. 329-346, 1989.